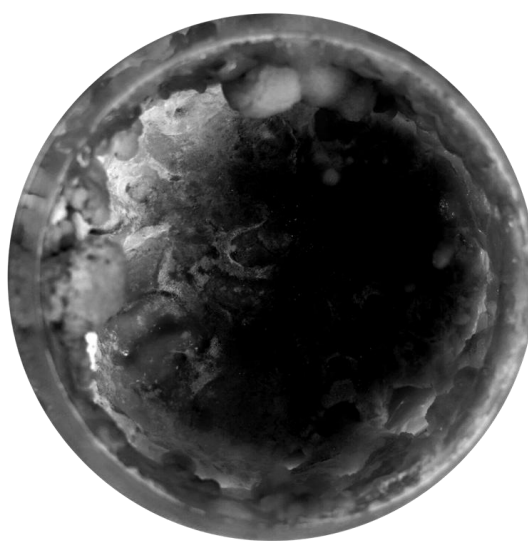


Da estrela ao grão:

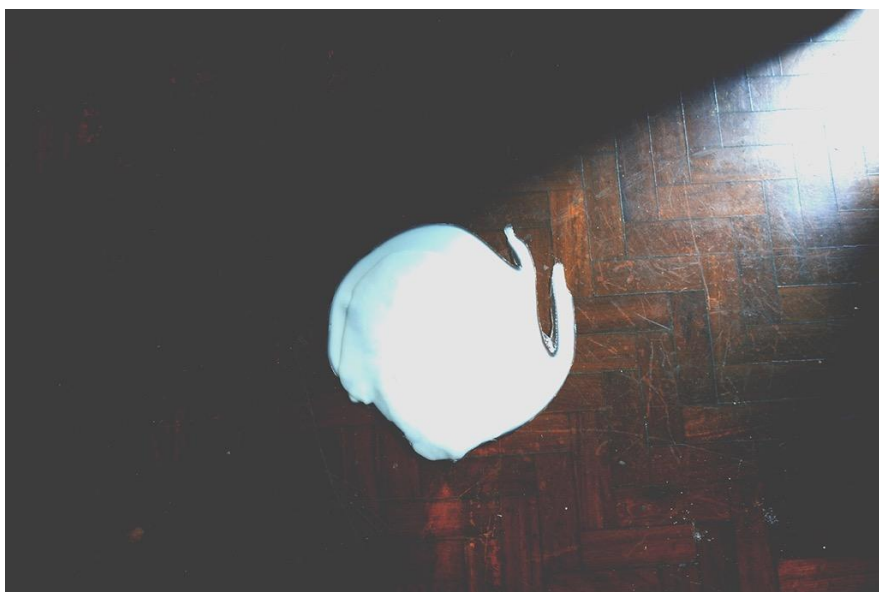
pistas para a elaboração de
algumas FC's [Fabulações
Contranegacionistas] em torno
dos leites maternos

Cecilia Cavalieri

371



Lua de leite [monika & leo], 2019



Poça primordial ou lago de babel - estudo, 2022 - leite de cabra, leite de vaca e resina de alta viscosidade 70 cm x 100 cm

372

A “substância leite” (literal, material e metaforicamente) é o “totem” com ou contra o qual buscaremos construir um léxico conceitual e visual a partir da premissa “tentacular” da SF de Donna Haraway. SF é abreviação clássica para ficção científica [Science Fiction], na língua inglesa, estilo narrativo que informa declaradamente o trabalho de Haraway. A essa sigla, Haraway atribui uma série de “modalidades” do contar não apenas histórias ou estórias, mas fatos. Assim, SF é String Figures [figuras de corda, o jogo-contação de histórias da cultura Navajo], Speculative Fabulation [Fabulação Especulativa], Science Fact [Fato Científico], Speculative Feminism [Feminismo Especulativo], So Far [Até Agora]. Assim como ocorre com as figuras de corda [aqui mais conhecido como cama-de-gato], as possibilidades de conceitos produzidos pela SF são inúmeros. Para a autora, a “ficção científica é essa potente sigla material-semiótica para as riquezas de todas as SFs”. No projeto e atenta à tradução da FC em nossa língua [Ficção Científica, Fato Científico...], proponho a FC de Fabulação Contranegacionista nomeando as narrativas produzidas no encontro entre arte e filosofia, informados pela polifonia disciplinar de nosso totem, o leite.

O presente experimento talvez se insira nos estudos de tantas viradas especulativas para o não-humano [*nonhuman turn*] como uma das éticas para se pensar e viver com o Antropoceno a partir de um olhar multiespecífico aliado, sobretudo, aqui, às artes. Afirmamos de uma prática artística e filosófica implicada com as ciências, com os estudos animais e feministas; não em uma já tradicional tradução entre esses campos [que vê a arte como grande leitora ou interpretadora do mundo], mas em outra direção: a da tentativa da criação conjunta de uma porosidade entre eles; mais simplesmente falando, a ideia é produzir uma conversa interdisciplinar que desinvisibilize um vocabulário – e crie outros, talvez capazes de auxiliar a sensibilização às profundas e múltiplas crises (ou enrascadas) de nossa atualidade.

373

O ciclo de manuseio do leite, e das tetas que o criam, fala de uma “mercantilização com base no gênero”, na qual a produção do leite e de produtos dele derivados exerce, sobre o ciclo reprodutivo da fêmea, uma espécie de violência sexualizada. Tal ciclo, uma vez que está fundamentado na reprodução, constitui-se como uma questão cosmopolítica e feminista, entendendo-se aqui o feminismo multiespecífico [entre humanas e outras-que-humanas como vacas, cabras, ovelhas e grãos] – ou antiespecista –, que trata politicamente desses leites não-negociados com outras mamíferas, bem como problematiza os sistemas de subalternização humana e outra-que-humana envolvidos na amamentação prolongada [para além das recomendações da Organização Mundial de Saúde] e interespecífica [entre as espécies: humanos mamando em vacas, por exemplo, mas sem a relação corpo a corpo, portanto sem a negociação], mediada por campos laticidas altamente tecnificados para animais não-humanos e humanos também. A questão do leite não atravessa apenas essa relação interespecífica, perfurando a falaciosa divisão homem/animal, mas também é atravessada por experiências de raça, gênero, sexualidade baseadas em uma taxonomia humanista [tudo aquilo que não é o homem] que transforma o tratamento mercantil da espécie em

um commodity a ser explorado. Portanto será essencial adotar aqui uma perspectiva teórica plural.

As FCs em construção se propõem como um gesto que questione estas e outras urgências, permitindo que a arte e a filosofia, aliadas às outras disciplinas mais “duras” (como a biologia e a física-química do Sistema Terra), operem como produtoras de realidades possíveis e não apenas como tradutoras da crise; que operem como propositoras de respostas moleculares a ela, não servindo apenas como, para citar Lévi-Strauss, mais uma reserva ecológica dela no contexto do Antropoceno. “Por várias vezes, as considerações anteriores fizeram aflorar o problema da arte, e talvez se pudesse, rapidamente, indicar como, nesta perspectiva, a arte se insere a meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico ou mágico, pois todo mundo sabe que o artista tem, ao mesmo tempo, algo do cientista e do bricoleur.” [1989].

374

Seguindo, entre outras, essa linha de pensamento traçada por Lévi-Strauss, a fissura disciplinar deste experimento propõe uma fuga polifônica – ou poliepistêmica – nesse sentido: tirar o artista do lugar de sustentação da crise para que a crise não possa mais se sustentar, pelo menos não com o auxílio das artes. “No mundo indígena todo mundo é artista”, disse Jaider Esbell [2021]. Derrubar o muro que cinde as disciplinas – artes, filosofia, ciências... – é também permitir que a co-constituição de mundos se dê a partir dessa invasão pela reserva ecológica no espaço, justamente, reservado ao pensamento domesticado, desfazendo mais um dualismo perpetuado ao longo da história ocidental.

375



*Frame de "Poéticas do leite, políticas do céu", 2021 - leite de cabra
exposto sob temporais de 3 anos*

O processo de industrialização daquilo que comemos ainda não se libertou do imaginário do leite. Por quê? Seria porque, como bem lembra o teólogo Vitor Westhelle, “na fé cristã, Deus se encarnou em um mamífero”? O cristianismo substituiu a ideia de leite pela *palavra de Deus*; o leite do pai é o verbo, único alimento dos filhos, é o leite da sabedoria,

por oposição ao leite sujo da mãe, que nada tem de transcendental e que escorre criança abaixo¹. Para além da dupla fantasia pastoral, uma das respostas possíveis talvez esteja em algum lugar do que se convencionou chamar Via Láctea, este pedacinho tão *sui generis* do céu [ocidental]. Como dizem Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro em *Há Mundo por Vir?: Ensaio sobre os Medos e os Fins* [2014], “o regime semiótico do mito, indiferente à verdade ou falsidade empírica de seus conteúdos, instaura-se sempre que a relação entre os humanos como tais e suas condições mais gerais de existência se impõe como problema para a razão”. Observo de que: 1) não por acaso, essa metafísica industrial em relação extrativista com a substância é alimentada e fortalecida pelo negacionismo da realidade dos leites humanos e outros-que-humanos; 2) o comportamento da substância leite e das operações de negação da realidade levam à constatação de que ambos, leite e negacionismo, são hoje commodities em torno das quais orbita boa parte da indústria. Essas FC’s sublinham o que já disse o filósofo Paul Preciado, a saber que “o feminismo não é um humanismo”, evocando o desejo de lutar pela promoção de novas formas de parentesco, proposta por Haraway, que entendemos deverem ser também acadêmicas, colaborando para a familiarização de um campo pelo outro.

Mas por que a única sociedade que cultiva uma relação patológica com a substância leite é a ocidental? São muitos os mitos de origem que coabitam a história deste pedaço de um céu que nos guia e cujas constelações estelares compõem aquilo que chamamos de Via Láctea [caminho de leite], um aglomerado de centenas de bilhões de estrelas com um buraco negro no meio e cuja idade aproximada é de 13 bilhões de anos. Mas esse céu sofre variações a depender da posição geográfica, ou melhor, da posição etnográfica do observador e da maneira como ele o observa.² O

¹ Recordo-me da história popular de São Mamão [minha tradução para Saint Mamant], o curioso caso do homem com seios inchados de leite, alimentando uma pobre criança abandonada e faminta, uma metáfora que ilustra a capa [e o conteúdo] do livro *Lait Du Père*, de Roberto Lionetti, e que sequestra a substância leite para o espaço da fé cristã e patriarcal. Aqui: <https://www.editions-imago.fr/ouvrage-24-Le-Lait-du-p%C3%A8re>

² Algumas das principais constelações que compõem a Via Láctea são Andrômeda, Ursa Maior, Ursa Menor, Cão Maior, Cão Menor, Pégaso, Fênix, Órion e Cruzeiro do Sul, que vem a ser a mais importante do hemisfério sul e não pode ser vista do hemisfério norte. As

caminho de leite da galáxia, do grego “gala”, “galaktos”, leite, foi criado por um jato de leite saído do peito de Hera, mulher de Zeus, madrasta de Hércules. Certa noite, enquanto dormia, Hera foi surpreendida com bebê Hércules levado ao seu seio por Zeus [alguns dizem que foi Atenas]. Ao dar-se conta disso, Hera arranca o peito da boca de Hércules – que mamava tão forte a ponto de causar muita dor a Hera –, e o empurra para longe. É nesse instante que o leite jorrado do peito de Hera se espalha através dos céus que se forma então o que chamamos de Via Láctea, do latim, caminho de leite. O destino extraordinário do pequeno Hércules já havia começado e, quem sabe, é daí que vem parte de sua força para, futuramente, realizar os doze trabalhos impossíveis. Sujeita oculta da palavra leite, a vaca segue como produto de uma fantasia mítica e símbolo da questão biocapitalista. A revisão crítica do mito só pode ser feita se atravessada por mergulhos descoloniais, de gênero, de tópicos da imaginação conceitual indígena e, definitivamente, do que Marisol de La Cadena chama de aberturas onto-epistêmicas, conceito-chave para seguirmos em nossa tentativa de reconfigurar mitos e realidades em fabulações contranegacionistas para o Antropoceno. As FC’s caminham em torno das complexidades metabólicas que informam conceitos e constituem os objetos da ciência. Se Gaia é esse sujeito-objeto dotado de uma imanência radical que não pode ser acomodada no conceito de Antropoceno, essa fratura epistemológica diante

Guias do Cruzeiro do Sul [alfa e beta do Centauro] e a Via Láctea são chamadas Yawat iwakakape, literalmente “caminho do céu” pelos indígenas Kamayurá. A Via Láctea é também chamada de Caminho da Anta [Tapi’i rapé, em guarani] pela maioria das etnias dos indígenas no Brasil, devido principalmente às constelações representando uma Anta (Tapi’i, em guarani), que nela se localizam. Em algumas mitologias asiáticas ela é chamada Tianhe, um rio celeste, ou mesmo Tengshe, uma cobra aquática e Tianchuan, um barco navegando no rio. Na Polinésia, no Taiti, ela são peixes nadando em uma enseada. Para os Maori, ela é waka: uma canoa bem ancorada. Aborígenes da Austrália vêm na Via Láctea um rio com moradias que se estendem por seu leito e a chamam de Wodliparri (wodli = cabana, parri = rio). Algumas narrativas indígenas norte-americanas a têm como “o caminho dos mortos”; as estrelas são as fogueiras acesas durante a viagem. São inúmeras as interpretações mitológicas da galáxia, notavelmente quase sempre considerada um rio ou caminho: “Rio” para os árabes, “Rio da Luz” para os hebreus, “Rio Celestial” para os chineses, “Cama do Ganges” para a tradição sânscrita. Para alguns povos inuíte, a faixa brilhante forma o “caminho das cinzas”. Em algumas culturas africanas ela vem da história de uma menina que marcou seu caminho para que seu povo pudesse encontrá-la. Para os cheyennes, a Via Láctea é o rastro de poeira deixado pela corrida entre um búfalo e um cavalo. Alguns turcos conheciam a galáxia como Hadjiler Juli ou “estrada dos peregrinos”. Mas nenhuma dessas mitologias fala de leite como o faz a mitologia grega, que a nomeia e a faz espalhar por todo o ocidente.

da qual o ocidente não sabe como se mover, como falar das metafísicas em conflito que excedem a linguagem?

A partir do momento em que se consolida a percepção de que leite é tecnologia regulada por saliva e glândula mamária, e que ela se estrutura como primeira língua, a maneira mais arcaica que mamíferos usam para se comunicar, fica evidente que esse leite, esse produzir-com, é produto de uma relação comunitária multiespecífica [vírus, bactérias e outros organismos no trânsito lácteo]. O método segue sendo mergulhar dentro da teta cheia de leite que se esvai sobre a boca de alguém, ainda que isso desafie o problema ontológico que é a própria definição de linguagem. O método das FCs é o mergulho multidisciplinar e profundo na capacidade microcósmica de invenção a partir do olhar sobre a substância.

378

Uma outra ciência é possível [2023] é o livro da filósofa Isabelle Stengers que embasa conceitualmente as FC's diante do sistema-leite. Stengers insiste que é preciso desacelerar as ciências para que possamos compreender e agir no Antropoceno; diz que precisamos fazer as perguntas erradas aos cientistas para que as crises sejam enfrentadas. “A simbiose da ciência rápida com a indústria privilegia estratégias e conhecimentos abstraídos das complicações bagunçadas deste mundo. Ao ignorar a bagunça e sonhando com sua erradicação, descobrimos que bagunçamos ainda mais nosso mundo. Assim eu definiria a ciência lenta como operação exigente que retomaria a arte de lidar e aprender com aquilo que cientistas consideram bagunçado, aquilo que escapa às categorias ditas objetivas.” A bagunça de que fala Stengers é o caráter poliepistêmico dos objetos de estudo das ciências, comumente tratados de modo purificado em observação civilizada. “Bagunçar” e “ralentar” são modos de recobrar o que poderíamos dizer cosmopercepção para compreender certos acontecimentos, como, aqui, leites. Stengers é a filósofa das ciências pensa um parentesco entre as disciplinas e, com sua metodologia de “ecologia de conexões parciais”, aponta para um caminho no qual, aqui, quem fará as perguntas erradas será uma artista.

O pesquisador de estudos culturais latino-americanos Néstor Canclini [2012] debateu a hipótese de uma “arte pós-autônoma”,

defendendo que o campo das artes visuais se articulasse com indagações de outros campos, de modo a construir outras ferramentas para análises críticas. Numa mesma produção de fendas, o trabalho da antropóloga Marisol de La Cadena vem contribuindo substancialmente para o que chamamos de "virada ontológica", que começa na antropologia e se estende a outros campos. Cadena prefere nomear de "aberturas onto-epistêmicas" [2015], a partir da etnografia conceitual *Earth beings. Ecologies of practice across Andean worlds*, em um deslocamento das formas narrativas que articulam traduções palpáveis e dão sentido ao que chama de "nós complexo".

No capítulo "Playing String Figures with Companion Species" de *Staying with the Trouble* [2016], a bióloga e filósofa Donna Haraway situa o que nomeia feminismo multiespécies a partir da contação de histórias que fazem mundos, e com elas alçando experimentações prático-teóricas sobre viver e morrer junto em um planeta ferido. À Haraway interessa recuperar a complexidade das estórias que contam a história das vidas na terra, e não restaurar a terra propriamente, mas lidar com o problema procurando "histórias reais que também sejam fabulações especulativas e realismos especulativos [...], nas quais os atores de várias espécies estão em traduções parciais e imperfeitas através da diferença". Diferenças, para Haraway, refazem formas de viver e de morrer em sintonia com o florescimento finito possível. Nesse sentido, cultivar as diferenças disciplinares é manter vivo o encontro entre elas.

A artista plástica Melanie Jackson e a professora e pesquisadora em teoria política e poética da ciência e da tecnologia Esther Leslie, apontam na publicação *Deeper into the pyramid* [2018], para uma metafísica industrial em torno da mecanização do leite, que posiciona a vaca no interior de sua principal fonte, literalmente explorando a substância enquanto uma "tecnologia natural" cooptada para a criação de mitos, aqui, o da Via Láctea. Ao contrário das "String Figures" de Haraway, a metafísica industrial se dá onde e quando a vida e a morte são administradas e reguladas com base econômica. Nesse sentido o negacionismo de que fala Déborah Danowski acaba se tornando

“commodity” no Antropoceno. É preciso negar a vaca, e a realidade das vacas, para que o leite seja infinitamente disponível, fresco, branco, asséptico e central para a dieta ocidental adulta. “Há várias razões para isso [o negacionismo], mas talvez a mais importante seja o enorme esforço (político e financeiro) despendido pelas grandes companhias de combustíveis fósseis, de agronegócio e de mineração para semear a ‘dúvida’, ou melhor, a percepção pública de que há controvérsia entre os cientistas a respeito da realidade”, diz Danowski no cordel *Negacionismos* [2020], que continua: “os animais formam provavelmente nosso maior campo de invisibilidade, mas poderíamos citar muitos outros, todos os que não têm o que comer ou onde morar”.

É justo Cadena, em seu projeto “Making Cow” [2023-], na Colômbia, que busca complexificar as discussões sobre danos da produção corporativa de gado [incluindo leite], no qual propõe “uma ética da vida” a partir da ideia de um mundo sem gado [impossível e até indesejável] e etnografia de “fabricação de vacas”.

380

Se por um lado falamos de trabalho reprodutivo como aquele trabalho invisibilizado – e friso invisibilizado, pois ‘tornado’ invisível e não ‘sendo’ invisível como característica inata – e realizado por uma rede de mulheres que se ocupam de parir e de criar crianças, um trabalho que justamente não é marcado pela produtividade, um trabalho estéril do ponto de vista produtivista, ou seja, uma atividade essencialmente contrapatriarcal e anticapitalista, que não gera lucro nem produto, embora tenha servido de cama para o patriarcado dormir, deitar, rolar, se nutrir e crescer é, aqui, justo o contrário que acontece do ponto de vista das outras mamíferas: hordas de fêmeas vivendo em condições insalubres para alimentar uma sociedade que ainda se vê dependente desse leite de um modo bastante irracional.

Nas FCs entre artes visuais & filosofia a visibilização da desinvisibilização também é escolha metodológica. Se em meu trabalho teórico-performativo aproximo a ideia de carga mental – nem sempre materna, mas sempre feminina – da noção de arte conceitual, aqui o método é transformar a carga [mental] em conteúdo visual-discursivo.

Especular, nesse contexto, sobre materfuturismos, é pensar-com a presentificação da experiência do cuidado da matéria – que deriva do latim, *mater*, e que quer dizer, literalmente, *mãe* – e que implica em uma maternagem mais-que-humana e em uma experiência de parentesco que complexifica e engendra outra sensibilidade diante da afirmação “Todo leite é leite materno”, como veremos a seguir.

A partir dessa especulação, o que se principia a seguir é um léxico conceitual–imagético – informado por campos disciplinares diversos e que se abre para a construção de um glossário polifônico dentro do que seriam essas FCs e que, a partir delas, formam um pequeno microcosmo especulativo:

381



Ovo de leite, 2022 - leite de cabra, ovelha e natália com resina de alta viscosidade, 6 cm x 4 cm

LACTATION. Assim como a plantation, a lactation é um sistema de exploração colonial, imperialista, que se estrutura sobre quatro patas: 1) grandes latifúndios, 2) monocultura, 3) trabalho escravo e 4) exportação para a metrópole. Na lactation as vacas leiteiras são criadas especificamente para produzir grandes quantidades de leite, são obrigadas a dar à luz um bezerro por ano a fim de produzir leite durante pelo menos os 10 meses seguintes e, em geral, são inseminadas artificialmente dentro de três meses após o parto. As vacas leiteiras muitas vezes só podem produzir um rendimento muito alto de leite por uma média de 3 anos. Depois desse tempo, são abatidas e sua carne é consumida. São “vacas velhas” e “não servem mais”.

LACTATIONOCENO. Era geológica determinante para o modo de vida mamífero e que data da criação do mito da Via Láctea, começando nas estrelas, passando pelas amas de leite, pelas vacas, cabras e ovelhas, até chegar nos grãos [soja, aveia...].

382

LÍNGUA LÁCTEA. O leite produzido no encontro entre lactante (quem secreta) e lactente (quem absorve) é um composto químico complexo, um combinado de água, gorduras, açúcares, proteínas e sais minerais e cuja composição inexata é ajustada sob medida, sob demanda do lactente, da boca de quem mama; ou seja, leite é comunicação e relação. Conforme o rebento cresce e se desenvolve, essas glândulas produzem nutrientes sob medida, em uma comunicação perfeitamente calibrada, falada nos códigos da língua láctea. Estudos com primatas, vacas, mulheres, marsupiais e cervas comprovam que a composição do leite é diferente quando se trata de um bebê macho ou fêmea, o que significa que há também demandas de sexo específicas. Quando o bebê está doente, ele manda informações via saliva para o mamilo, que em seguida os envia às glândulas mamárias para que estas produzam os anticorpos específicos necessários. Não parece, mas o lactente não atua de maneira passiva, apenas abrindo a boca para receber o leite jorrado: a própria atividade é iniciada por ele. Por ser específico, leite é um produzir-com, uma relação: ele é tecido sob medida para o filhote mamífero daquela espécie. O que não quer dizer que as espécies não possam negociar esse leite entre si. Saliva e

glândulas fazem da boca que se fecha sobre o mamilo um canal vital de nutrição e de imunização. O leite é multiespecífico em sua composição, sendo veículo de bactérias e vírus: leite é onde podem habitar outras espécies.

LEITE ZUMBI. A pecuária leiteira teve início no Brasil já em 1532, mas foi em 1950 que, acompanhando o surto de industrialização, passou a introduzir no vocabulário lácteo os tratamentos – esterilizações – térmicos como pasteurização e processos UHT – processos de aplicação de calor e frio, que eliminam todos os microorganismos patogênicos do leite, segundo explica o portal MilkPoint. Por agente patogênico (do grego: *πάθος* (pathos), “sofrimento”, “paixão” e *-γενής* (-genēs) “produtor de”), compreende-se vírus, bactérias, protozoários, fungos, etc. Ou seja, para que o leite [das milhões de vacas anônimas] circule e escorra para os buchos humanos mediados por latas, caixinhas tetra-pak ou garrafas de plástico, é necessário zumbificá-lo, torná-lo um morto-vivo. Estudos comprovam que a onipresença transbordante e excessiva desse leite morto-vivo, desse zumbi, na dieta ocidental, tem sido um dos grandes responsáveis pelo aumento de massa corporal – massa gorda – em crianças e adolescentes ao redor do mundo, sobretudo nos países em que se observa progressiva ocidentalização [da dieta], chegando a ser considerada uma espécie de epidemia global.

383

TODO LEITE É LEITE MATERNO, EXCETO O QUE NÃO É. Desde o início daquilo que se denominou a história da filosofia (já com os filósofos pré-socráticos), a matéria vem recebendo diferentes conceitualizações. Na linguagem comum, matéria é a substância da qual são feitas as coisas. “Matéria” deriva do latim, *mater*, que significa exatamente: mãe. Matéria e maternidade têm o mesmo radical: causa, origem, fonte. E, olhando bem, matéria tem um quê de substância [na filosofia aristotélica, a matéria é a fonte de indeterminação que, juntamente com a forma, constitui a substância]. Todo leite é materno nesse sentido, todo leite, seja o que é sugado pelo bebê (humano ou não) diretamente da mãe (humana ou não), seja aquele do qual a indústria e o capitalismo se apropriam, capturam, escravizam e vendem, é sempre leite materno. O leite

que compõe boa parte de produtos industrializados é de uma mãe que deixou de amamentar. Mas é também sobretudo no mundo humano que o leite se dá em corpos não maternos, ou seja, corpos cis ou trans que não necessariamente pariram suas crias, corpos com ou sem útero que adotaram crias de outros corpos com útero, e podem vir a amamentá-las ao peito por meio de estímulos físicos [bombas de ordenha] ou químicos [remédios estimulantes do leite]. Por essa perspectiva, nem todo leite é materno. No mundo extra-humano também existem machos mamíferos que amamentam; o morcego Dayak Fruit não dá à luz os seus bebês, mas os amamenta. Falamos apenas dos mamíferos, mas também há todo um espectro de extramamíferos que compõem esse cenário, o que também põe em questão a afirmação de que todo leite é leite materno, dependendo do que seria o materno. Posso afirmar que todo leite é leite materno se considero leite como uma experiência da matéria, uma experiência radicalmente imanente que não dá espaço para transcendências paternas, paternalistas ou patriarcais? Dizer que todo leite é materno é também pensar nessa etimologia, no mater de materno, que é o mesmo mater de matéria.

FALOCENO. Termo alternativo para Antropoceno. 1784, ano do projeto catapultador da revolução industrial, o do motor a vapor de J.Watt, engenheiro que procurava um modo de aumentar a eficiência do motor, ou seja, produzir trabalho e minimizar seu custo com carvão utilizado como combustível, é o exato ano sugerido por P.Crutzen e E.Stoermer como início do Antropoceno: a nova época geológica que põe fim ao Holoceno e na qual o maior agente transformador do planeta é o homem. Acontece que em 1784 também Kant publica a “resposta à pergunta ‘o que é o iluminismo?’”, manifesto que define o programa político moderno do uso público da razão livre e autônoma, a liberdade de expressão, a estruturação da consciência moderna, a conquista do mundo e da natureza pelo homem. 1784 é ainda o ano em que Marquês de Sade é transferido para a Bastilha, onde concluirá a sua obra magna, 120 dias de Sodoma, estabelecendo o paradigma da arte moderna: “o direito de dizer tudo”. Diante desse contexto cósmico proponho Faloceno, nome alternativo que dialoga com os

mesmos dados a essa época por J.Moore, Capitaloceno, e por D.Haraway, Chthuluceno. Liberdade e autonomia, vistos na modernidade como retratos de grande esperança para a humanidade, hoje aparecem como conceitos mais que problemáticos, que de certa forma geraram o Antropoceno, fomentando o projeto neoliberal no capitalismo pós-industrial. Conceitos que não podiam ter sido forjados senão por um gesto branco, humanista, cismasculino, heteropatriarcal e falocêntrico, diante da complexidade vital que constitui a matéria do mundo, os mundos e os diferentes modos de experimentá-los. Não se trata de genitalizar o conceito, mas sim de tratar o fa/logo/centrismo, como algo relativo a um sistema de poder e de opressão de certos corpos humanos-e-outros-que.

385

PLACAS TETÔNICAS [DESCIDA DO LEITE X SUBIDA DO LEITE] – O seio que amamenta é, de fato, perigoso: dispositivo contrapatriarcal por excelência, improdutivo e contraproducente do ponto de vista produtivista, criador da maior substância viva que o capitalismo precisa extirpar por não conseguir copiar, tal como o útero. Amamentar não é sacrifício e não é sagrado, amamentar é um gesto de coragem para com a vida, como diz Cristine Takuá³. A descida do leite é também popularmente conhecida, no Brasil, como lua de leite⁴: momento em que parturiente e

³ Em 2019, durante o ciclo de palestras Selvagem, promovido por Anna Dantes no Jardim Botânico, no Teatro do Jardim, Cristine Takuá, professora, filósofa, cantora e rezadeira Maxakali, durante sua fala fez uma analogia do enfrentamento das crises do Antropoceno com o processo de amamentação. Ao contrário da noção de sacrifício, da menção de uma dimensão sacrificial [cristã?] que estaria no seio da amamentação, Cristine disse que é preciso não desistir e ir adiante *como quando o bebê nasce e a gente dá de mamar, a gente dá de mamar e no início dói, dói muito, e nessa hora é importante e é preciso ter coragem, amamentar é um gesto de coragem, se você tiver coragem, você consegue seguir*.

⁴ Em junho de 2019, cabra, vaca, ovelha, monika e eu fomos agentes de um experimento laboratorial no qual os leites destas fêmeas foram observados durante 21 dias e fotografados a cada 7 minutos. Ao todo foram cerca de 6 mil fotografias e, com esse material montamos, Luisa Marques e eu, um timelapse mostrando o comportamento desses leites distendidos no tempo e no espaço. Para a composição sonora, feita em parceria com Orlando Scarpa Neto, gravamos e manipulamos leites de diferentes densidades [karoline, vaca, cabra e ovelha] com hidrofones, em um laboratório improvisado na cozinha de Orlando, que maternou esses leites comigo. Durante essa janela, a urgência dos leites foi se mostrando nos copos, se solidificando, atraindo insetos e fazendo com que aquela experimentação se tornasse, talvez, inócua. No entanto, como resultado apresentado, a única verdade científica ali era política: a certeza que eu tinha em relação àquele material, àquele matéria, é de que apenas o leite de monika tinha sido negociado e que esse leite, na verdade de monika e leo [que na época tinha 6 meses] vinha das tetas de monika e tão somente delas. Cabra, vaca, ovelha: sujeitas anônimas lactantes e cujos leites também sem nome me foram vendidos por um mercadinho orgânico qualquer; leites misturados de fêmeas de cada espécie, cada uma em seu pacote, processados e ajuntados por um maquinário do sistema laticida que muito

neonato levam para se conhecer e fortalecer seus laços. *É neste contato pele a pele, entre mãe e bebê, na primeira hora pós-parto, que acontece o maior estímulo à amamentação. Esse contato ainda ajuda a manter o bebê aquecido, regulando a frequência cardíaca e a respiração*, escreve Juliana Xavier no portal da Fiocruz⁵. Apojadura, a descida do leite, é o tempo de preparação dos seios para a saída do primeiro leite de um corpo que recém-pariu. Além de muitas dores por todo o seio, muitas vezes concentrada nos mamilos, ela pode durar de cinco até o vigésimo primeiro dia de pós-parto. É um processo difícil, que compreende supostamente um sacrifício, um gesto sacrificial, uma dor lancinante e quase insuportável que, com o tempo, torna-se prazerosa e mais fluida. Em uma alusão à lua de mel, a lua de leite promove vínculos afetivos mais sólidos e importantes para o desenvolvimento socioafetivo da bebê, além de o contato pele a pele na primeira hora de vida, que é importante para aumentar a duração do aleitamento e reduzir a mortalidade neonatal. Descida do leite, no entanto, é uma expressão majoritariamente latino-americana para a apoiadura. Na Europa, em especial na França, ela é conhecida como “subida do leite”. O que isso pode ter a dizer sobre a experiência do corpo no ocidente extremo e no ocidente latinizado e indígena do qual nós estamos mais próximas? Por que essas diferenças se dão e como elas se dão? O que são essas diferentes perspectivas entre o que sobe e o que desce e por que o leite entra nessa jogada transcontinental: essa é uma pergunta a ser respondida longamente com um mapa das placas tetônicas da terra. Como a transcendência e a imanência entram nessa determinação vocabular?

provavelmente não os negociou com humanos e humanas como eu. Cabra, vaca e ovelha não tinham um rosto nem um nome próprio. Por isso escolhi grafar monika com m minúsculo e ocultar seu sobrenome e sua história, dessubjetivando em alguma medida seu leite e o colocando em uma conversa estranha, provisória e precária com os leites das outras fêmeas anônimas, invisíveis e invisibilizadas. No final do experimento do timelapse, fotografei os quatro copos de leite de cima e, ao observar a imagem, percebi que de fato haviam se formado quatro luas em texturas e formas diferentes, mas todas se assemelhavam a uma lua, cada uma a seu modo, eram luas de leite. Em uma brincadeira com as imagens, transformei o tamanho de cada uma dessas luas, para torná-las proporcionais ao fluxo de capacidade de produção diária de leite de cada uma dessas fêmeas lactantes 3,5 litros, 7,5 litros, 20 litros e 1,5 litros, proporcionalmente. Sobre elas apliquei uma camada de cor chamada Cosmic Latte [CMYK 0, 2,7, 9,6, 0], que vem a ser o nome dado à cor média do universo, da Via Láctea, observada por uma equipe de astrônomos da Universidade Johns Hopkins em 2001. Aqui: <https://vimeo.com/370704714>

⁵ <https://agencia.fiocruz.br/primeira-visita-ao-bebe%C3%AA-cuidados-com-higiene-s%C3%A3o-fundamentais>

387



Luas de leite [monika, vaca, cabra, ovelha] em Cosmic Latte, 2020.

Formato variável.



388

Fofoca [sobre o prato de minha mãe], 2022 - transmissão ao vivo de queijo feito de leites de cabra, vaca, ovelha anônimas e natália em decomposição ao vivo durante 3 meses.

Referências

- AGOSTINHO, P. *Mitos e outras narrativas Kamayurá*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BAÊTA, A. “O feminismo não é um humanismo: Paul Beatriz Preciado”, *Territórios de filosofia*. [S. l.], 26 nov. 2014.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo 2006.

CASTRO, E. V. de. "Exchanging Perspectives. The Transformation of Objects into Subjects in Amerindian Ontologies". In: FRANKE, Anselm (ed.). *Animism*. Vol. I. Berlin/ Nova York: Sternberg Press, 2010.

CAVALIERI, C. "Poéticas do leite, políticas do céu". Em: FLORES, Livia; SOMMER, Michelle Farias. *Cadernos Desilha 3*. Rio de Janeiro: PPGAV EBA UFRJ / Ed. Circuito, 2021, p. 180-206.

COUTINHO, J. F. S. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: N-1, 2020.

DANOWSKI, D. *Negacionismos*. São Paulo: n-1, 2020.

DANOWSKI, D. CASTRO, E. V. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: ISA e Cultura e Barbárie. 2ª Ed. em 2017.

DE LA CADENA, M. *Earth Beings: Ecologies of Practice across Andean Worlds*. Duke University Press, 2015.

GABRIEL, A. B. *Materialidade, maternidade e outras matrizes*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GENOUDE, A. E. *Les pères de l'église*. Paris: Sapia, 1839. v. 4.

GERMANO, B. A. "As Constelações Indígenas Brasileiras" *Telescópios na Escola*, Rio de Janeiro, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://www.telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>. Acesso em: 28/05/2025.

389

HARAWAY, D. J. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

_____. *Staying with the trouble: making kin in the chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.

JACKSON, M; LESLIE, E. *Deeper in The Pyramid*. Nottingham: Banner Repeater, Grand Union and Primary, 2018.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: Ubu, 2020

LUDMER, Josefina. "Literaturas pós-autônomas", *Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura*, n. 17, julho de 2007.

PEDRUCCI, Giulia. "Motherhood, breastfeeding and adoption: the case of Hera suckling Heracles", *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, Budapest, v. 57, n. 2-3, p. 311-322, 2017.

PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte, 2007.

REY, Alain. *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2011.

RIBAS, Cristina (ed.). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro: [S. n.], 2014.

SILVA, Roberta Claro da, et al. *Composição centesimal do leite humano e caracterização das propriedades físico-químicas de sua gordura*. Quím. Nova, São Paulo, v. 30, n. 7, p. 1535-1538, 2007.

STEFFEN, W et al. "Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet". *Science* 347: 6223, 2015.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2023.

WINTENBERG, W. J. "Myths and Fancies of the Milky Way", *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada*, Canada, v. 2, 1908.

Resumo: Este escrito se insere no que se pode chamar de a virada não-humana nas artes, incorporando estudos interdisciplinares implicados no descentramento do humano para pensar diante do Antropoceno. A substância leite será o "totem" com ou contra o qual buscaremos construir um léxico conceitual-visual, por meio da análise de conteúdo científico-discursivo de noções como *Lactation*, *Leite-Zumbi*, *Língua Láctea*, *Galáctea*, etc.

Palavras-chave: leite, lactância, antropoceno, tetas, galáxia.

Abstract: This text is part of what can be called the non-human turn in philosophy, which incorporates interdisciplinary studies involved in decentering the human to think of the Anthropocene. The substance milk will be the "totem" with or against which we will seek to build a conceptual-visual lexicon, through the analysis of the scientific-discursive content of notions such as *Lactation*, *Milk-Zombie*, *Milky Tongue*, *Galactia*, etc.

Keywords: milk, lactation, anthropocene, tits, galaxy.